



Capitalismo Tardio, a Alienação nos Processos de Trabalho e a Corrosão do Caráter

Marilene de Oliveira Berti¹

Elisa Maria Andrade Brisola²

Resumo

Este texto pretende resgatar, histórica e criticamente, o modo de produção capitalista, contrariedades e paradoxos inerentes a esta forma de produzir mercadorias, explorando as fases do sistema capitalista na nossa história e a forma com que este sistema produz a alienação no trabalho. O sistema de produção de bens e mercadorias capitalista sempre foi e continua sendo contraditório. Tal contradição se dá na geração de riquezas inumeráveis e de extraordinária proporção e nas representações e relações sociais cada vez mais empobrecidas, com uma carência enorme e inconstante em decorrência dos processos essenciais ao modo de se produzir vigente na atualidade.

Palavras-chave: Caráter. Alienação. Trabalho. Capitalismo.

Late Capitalism, the Alienation in the Work Processes and the Corrosion of Character

¹ Aluna do Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté – UNITAU. Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210 - Centro - Taubaté - SP - Brasil - CEP 12020-040. E-mail: marilene.berti@gmail.com.

² Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e docente do Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté – UNITAU. E-mail: elisabrisola@uol.com.br.

Submissão: 27/04/2014 • Aceite: 25/06/2014

Abstract

This text intends to rescue, historically and critically, the capitalist mode of production setbacks and paradoxes inherent in this form of producing goods, exploring phases of capitalist system in our history and the way in which this system guides the alienation in the work. The system of capitalist production of goods and goods always was and remains contradictory. Such contradiction occurs in the generation of innumerable riches and of extraordinary proportion and representations and social relations increasingly impoverished, with an enormous shortages and unstable as a result of essential processes to produce in force at present.

Keywords: Character. Alienation. Labor. Capitalism.

Introdução

O sistema capitalista avançou na sociedade contemporânea e demandou inúmeras mudanças nas mais diferentes segmentações da vida humana, em nome da conservação e da coerência econômica regida não apenas pela sempre arrojada especulação financeira, mas também pela flexibilização das competências humanas para a execução do trabalho, exigindo de cada pessoa a capacidade de contínuo aperfeiçoamento das suas habilidades profissionais e o empobrecimento de sua segurança existencial no mercado de trabalho.

O valor pago para manter um padrão de vida razoável é doloroso: a necessidade contínua de dedicação ao mundo do trabalho, rompendo com o âmbito estritamente profissional, avança de forma voraz nos espaços domiciliares; pior ainda, o reconhecimento econômico é raro quando se diz respeito à qualificação técnica, tal fato gera alienação; do ponto de vista do trabalho, a vida subjetiva do indivíduo é empobrecida e acaba sendo impossível a chance deste se realizar efetivamente nas suas atividades profissionais. O processo opressivo da globalização da economia e dos signos

culturais aumentou a ampliação desse processo de decadência humana no sistema de trabalho, não levando em conta o grau de sua especialização. Em linhas gerais, a produção do trabalho apenas satisfaz as necessidades básicas de consumo, oprimindo as forças vitais dos indivíduos em nome da ditadura do capital, regime que, de certa forma, pode ser considerado muito pior do que a ditadura do homem sobre o homem, pois nasce de uma abstração do poder econômico sobre as configurações orgânicas da existência humana.

Na medida em que o indivíduo consegue uma remuneração, aparentemente, compatível com sua dedicação ao trabalho, sua inserção social na dimensão do consumismo ocorre da mesma forma, uma disposição influenciada pela necessidade humana de satisfação das suas deficiências existenciais pela aquisição sem limites de bens materiais, revestidos pela publicidade com apelos mágicos e que inexistem nessas coisas, o que caracteriza o “fetichismo da mercadoria” (MARX, 2002, p. 81). Não por acaso, a estrutura capitalista tem sua fundamentação em bases fetichistas. Até mesmo as relações humanas adquiriram caracteres simbolicamente mágicos, conseguindo, desta forma, alienar a própria existência social.

Em relação ao trabalho, forma pela qual o indivíduo adquire os meios de sua subsistência, o sistema capitalista estabelece junto ao trabalhador uma disposição falsa das suas relações de produção, gerando assim a alienação e conformismo mesmo perante as situações mais incertas. O trabalho não pertence ao ser trabalhador, é externo a ele, mas é nele que aparecem os sentimentos de negação, insatisfação e infelicidade, e também é nele que acontece sua afirmação.

Desenvolvimento

Desde seus primórdios, o sistema de produção capitalista foi e continua sendo inacreditavelmente contraditório em suas bases. Ao olharmos para a história da humanidade e o processo de produção de riquezas, talvez não tenhamos conhecimento de qualquer outro modo de produção que

tenha conseguido de gerar tanta riqueza material, tantas invenções, obras e mercadorias, mesmo que isso resulte na exaustão dos recursos naturais e na dominação do homem pelo homem.

Se somarmos todos os feitos materiais da humanidade ao longo de séculos vividos, termos um resultado menor que a riqueza produzida pelo capitalismo em poucas décadas. Ou seja, nenhum modelo de produção anterior conseguiu conduzir com tanta eficiência o trabalho humano, explorar a natureza intensamente, potencializar as capacidades físicas e intelectuais de forma que a humanidade avance em dimensões inimagináveis. Conforme aponta Hannah Arendt (1981):

O trabalho é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana, existência esta não necessariamente contida no eterno ciclo vital da espécie, e cuja mortalidade não é compensada por este último. O trabalho produz um mundo “artificial” de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural (ARENDETT, 1981, p. 15).

A riqueza da produção social é desfrutada por grupos cada vez mais restritos, os inventos e as obras são destinados a poucos grupos economicamente viáveis, o trabalho humano é explorado sob o princípio da fungibilidade dos operários, e a exploração da natureza se dá de maneira extremamente desorganizada e destrutiva. Entende-se que, desde o final do século XX, o sistema capitalista expande as desigualdades de forma próxima ao paroxismo: nos EUA há milhões de obesos mórbidos e milhões de subnutridos nos continentes historicamente explorados econômica, política e militarmente pelas potências imperialistas; produção de equipamentos medicamentos em altíssimas eficiências e tecnologias e carência de remédios para epidemias banais; bilhões nas mãos de poucas pessoas e bilhões de miseráveis no mundo. As diferenças são gigantescas, são chocantes, ou passam despercebidas, multiplicando-se de maneira infinita; esse processo ocorre de forma acelerada. Conforme pondera Anthony Giddens (1997b):

A experiência global da modernidade está interligada – e influencia, sendo por ela influenciada – à penetração das instituições modernas nos acontecimentos da vida cotidiana. Não apenas a comunidade local, mas as características íntimas da vida pessoal e do eu tornam-se interligadas a relações de indefinida extensão no tempo e no espaço (GIDDENS, 1997b, p. 77).

Tais considerações sobre o capitalismo tardio são necessárias para que possamos apontar e detalhar questões específicas deste sistema de produção, suas consequências mais aparentes (globalização) e finalmente dirigir-se a nossa realidade imediata (o capitalismo flexível). Em suas bases, o capitalismo tem uma lógica de funcionamento bem específica: organizar o trabalho humano para produzir mercadorias que serão vendidas por preço superior ao seu custo. A extração de mais-valia é diretamente, extração de mais-poder. Ao organizar a produção, o capitalismo estrutura da mesma forma, toda a sociedade, reprimindo as diferentes relações sociais a uma lógica mercantil, produtivista e concorrencial.

A ideologia capitalista do trabalho pode ser assim descrita: “Quanto mais alguém trabalha, melhor vivem todos”. Aqueles que trabalham pouco, ou aqueles que não trabalham, acabam prejudicando a coletividade e não merecem ser considerados como membros; quem trabalha como deve é socialmente um vencedor e quem não obtém sucesso é responsável por seu insucesso. Trata-se de um novo modo de ser do capitalismo que modifica o caráter do processo de acumulação do capital, pondo fim à era do desenvolvimento e do bem-estar difundido para uma parcela mais ampla do povo.

Sennett (2012) acredita que há uma melhoria ilusória e que o ambiente de trabalho não permite que as pessoas desenvolvam experiências ou construam uma narrativa coerente para suas vidas. É nesta narrativa que se dá o desenvolvimento do caráter, que depende de virtudes estáveis como lealdade, confiança, comprometimento, e ajuda mútua, características em extinção no novo capitalismo.

Imerso em uma práxis econômica que impede a estabilidade da produtividade humana, o indivíduo lida com a ameaça da flexibilidade profissional, a “dança das cadeiras” da civilização capitalista. Para Richard Sennett (2002, p. 9), é bastante natural que a flexibilidade cause ansiedade: as pessoas não sabem que riscos serão compensados ou que caminhos seguir.

A maioria dos consultores em recursos humanos prescreve que os profissionais nos dias atuais sejam ágeis, que invistam tudo o que puderem em suas carreiras para garantir sua polivalência no mercado de trabalho, não permaneçam em uma empresa ou função por muito tempo, estejam preparados para relações profissionais efêmeras, enfim, que estejam abertos a mudanças em curto prazo e assumam riscos continuamente. Essa situação é descrita de forma ácida por Bauman (2007b):

A vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciosa da dança das cadeiras, jogada para valer. O verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo. (BAUMAN, 2007b, p. 10)

A forma com que a lógica impiedosa das relações sociais, empresariais e econômicas do capitalismo tardio se caracteriza pela anulação das particularidades humanas no sistema alienante no qual eles vivem e trabalham cotidianamente, ainda que se propague a ideologia da singularização da capacitação profissional. O período de obsolescência de todo aprendizado se torna cada vez menor. Os defensores dessa dinâmica da velocidade de adaptação constante do trabalhador em novas circunstâncias negam o ritmo natural do organismo humano, considerado em seus aspectos psicofísicos.

Dessa maneira, a vida profissional do capitalismo tardio torna o indivíduo uma mera máquina produtiva, necessariamente sempre aberta ao processo de mudança. Tal como indaga Richard Sennett (2012):

Como decidimos o que tem valor duradouro em nós numa sociedade impaciente, que se concentra no momento imediato? Como se podem buscar metas de longo prazo numa economia dedicada ao curto prazo? Como se podem manter lealdade e compromissos mútuos em instituições que vivem se desfazendo ou sendo continuamente reprojatadas? Estas são as questões sobre o carácter impostas pelo novo capitalismo flexível [...]. Como se podem buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se podem manter relações sociais duráveis? Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história se vive numa sociedade composta de episódios e fragmentos? (SENNETT, 2012, p. 10-27)

Essas indagações nascem da tentativa de se compreender a própria idéia de identidade humana nas mudanças axiológicas decorrentes da instauração da moral “pós-moderna”, que expressa o mecanismo social de uma economia instável e uma organização social cada vez mais ágil.

Ao criticar os defensores do novo sistema de trabalho no capitalismo flexível, que exaltam a maior democratização das organizações, Sennett (2012) denuncia um controle imediato de poder nas instituições que substituíram a pirâmide weberiana por um círculo em que o centro de decisões é ainda mais restrito e fechado. Na burocracia racional tradicional, a recompensa do trabalho era individual, cada um fazia a sua parte na construção do trabalho coletivo. A nova estrutura das instituições no capitalismo flexível destrói a prática de funções fixas e as substitui pela competição interna de grupos de trabalhos que devem ser melhores e mais rápidos em resposta às demandas do mercado:

A expressão “capitalismo flexível” descreve hoje um sistema que é mais que uma variação sobre um velho tema. Enfatiza-se a flexibilidade. Atacam-se as formas rígidas de burocracia, e também os males da rotina cega. Pede-se aos trabalhadores que sejam ágeis, estejam abertos a mudanças a curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais (SENNETT, 2012, p. 9).

O capitalismo flexível como sistema de poder esconde nas modernas formas de flexibilidade três elementos básicos: a reinvenção descontínua de instituições; a especialização flexível de produção e a concentração de poder sem centralização. Reinventar a empresa tornou-se uma regra em um mercado no qual o que interessa é o retorno em curto prazo para os acionistas e a pronta resposta à demanda do consumidor. Nesta nova roupagem das instituições, há perda de controle das funções a serem realizadas pelos trabalhadores, levando também a uma perda da noção de tempo linear, não só na efetivação de trabalhos determinados como também na perspectiva de realização pessoal em longo prazo (a carreira profissional em uma empresa), e de sonhos individuais e familiares. Sennett (2012) destaca que:

O sinal mais terrível dessa mudança talvez seja o lema “não há longo prazo”. No trabalho, a carreira tradicional, que avança passo a passo pelos corredores de uma ou duas instituições, está fenecendo; e também a utilização de um único conjunto de qualificações no decorrer de uma vida de trabalho (SENNETT, 2012, p. 21-22).

O que importa é mudar, não se comprometer e não se sacrificar pelo outro. O homem tem de ser capaz de desdobrar-se para a demanda da empresa no novo capitalismo, em contrapartida o sistema não lhe dá condições de voltar ao molde anterior.

A especialização flexível de produção como uma reorganização tem características que contribuem para o afastamento entre os trabalhadores e para o isolamento, causando alienação. É um processo de largo alcance que envolve a acomodação produtiva da força de trabalho a essas novas condições. Ou seja, a especialização produtiva não se atém somente na diversificação de produtos a serem comercializados, mas na diversificação de tarefas numa rede mais frouxa de obrigações, compromissos e decisões mais rápidas.

A tecnologia vem para facilitar a rapidez em se reprogramar e configurar as funções nas máquinas industriais. O processo de aceleração das modernas comunicações também favoreceu a especialização flexível, colocando dados do mercado global ao alcance imediato da empresa. Em função disso, há a interferência direta na questão do tempo.

As tarefas a serem realizadas são todas estabelecidas sob o patrocínio do curto prazo, que corrompem os laços de fidelidade, confiança e o compromisso do homem não só com a empresa, mas com a família e a comunidade; estas, só se solidificam com o tempo.

Com a cultura arraigada da especialização flexível como forma de trabalho e a criação de riqueza material, os valores de autonomia, independência e liberdade sofrem grandes alterações, produzindo narrativas de vida que dispensam a profundidade dos vínculos entre os indivíduos. As experiências mais profundas de confiança, que se tornam consolidadas com o tempo, são quebradas quando as instituições se desfazem com extraordinária rapidez (demitindo seus funcionários sem qualquer consideração) ou estão sendo continuamente reprojatadas.

Sennett (2012) expressa a angústia do homem regido pela lógica comercial da economia da rápida reposição das peças obsoletas da existência:

“Quem precisa de mim?” É uma questão de caráter que sofre um desafio radical no capitalismo moderno. O sistema irradia indiferença. Faz isso em termos de resultados do esforço humano, como nos mercados em que o vencedor leva tudo, onde há pouca relação entre risco e recompensa. Irradia indiferença na organização da falta de confiança, onde não há motivo para se ser necessário. E também na reengenharia das instituições, em que as pessoas são tratadas como descartáveis. Essas práticas óbvias brutalmente reduzem o senso de que contamos como pessoa, de que somos necessários aos outros (SENNETT, 2002, p. 174).

Quanto à descentralização do poder, no capitalismo flexível a aceleração é uma necessidade nos processos produtivos, para tanto é preciso permitir aos funcionários mais controle sobre suas atividades, controle este

que está sendo concedido sob uma estrita vigilância operada via novas tecnologias de informação, dando lugar a formas mais sofisticadas de dominação do que as utilizadas nas empresas do passado. As tarefas são distribuídas em pequenos grupos (equipes), e supostamente esses grupos teriam uma maior distribuição do poder de decisão e não estariam de maneira alguma alterando o centro das discussões, mas, com certeza, das responsabilidades e cobranças de trabalho pelos líderes de grupos em sistemas nos quais os meios tecnológicos de informação facilitariam o processo comunicacional, empresarial e econômico.

O contrassenso, no capitalismo flexível, se insere exatamente neste ponto. O novo sistema de dominação está sendo construído sob a bandeira da liberdade. Um dos melhores exemplos disso é a nova forma de organizar o tempo no local de trabalho, que Richard Sennett denomina “flexitempo”. O “flexitempo” é também uma forma de persuasão e coerção utilizada pela empresa: “A sociedade hoje busca meios de destruir os males da rotina com a criação de instituições mais flexíveis” (SENNETT, 2012, p. 53). O funcionário vê a possibilidade de um planejamento das jornadas e do trabalho de maneira mais libertária e individual como uma recompensa, uma dádiva, um prêmio. O trabalho em casa, por exemplo, causa grande ansiedade entre os empregadores, que ficam preocupados em perder o controle sobre a produção de seus empregados. Por outro lado, criou-se o monitoramento via *e-mails*, por rede, para verificar o trabalhador ausente. Pode-se constatar que a “desburocratização” das empresas é trapaceira, pois, apesar do abandono da rigidez e do formalismo típicos da organização burocrática, a característica fundamental do capitalismo flexível é que a dominação e alienação do funcionário estão sendo re-criadas, re-configuradas pelos novos inventos tecnológicos.

Empregados e executivos no ambiente empresarial estão sendo expostos pela necessidade de provar todos os dias a sua competência e o merecimento de tal oportunidade, caracterizando assim um estado contínuo de vulnerabilidade existencial e profissional perante um poder econômico

que muitas vezes se revela arbitrário. Nesse vaivém, é bastante previsível que a flexibilidade cause ansiedade e estados patológicos, pois as pessoas não sabem que riscos serão compensados, que caminhos devem seguir em suas jornadas de trabalho. Conforme aponta Sennett (2012), “As novas condições de mercado obrigam grandes números de pessoas a assumir riscos, mesmo sabendo os jogadores que as possibilidades de retorno são tênues” (SENNETT, 2012, p. 104). Os funcionários de meia-idade são os que mais sofrem, pois a concentração nas capacidades imediatas leva a uma negação de sua experiência anterior, agravada pelos rótulos de aversão ao risco e de inflexibilidade que são suscitados, no senso comum, pela fase do desenvolvimento humano próximo à velhice. Anthony Giddens salienta que “O risco é a dinâmica mobilizadora de uma sociedade propensa à mudança que deseja determinar seu próprio futuro em vez de confiá-lo à religião, à tradição ou aos caprichos da natureza” (GIDDENS, 2011, p. 34).

De outra forma, a ética individual do trabalho, personificada pelo “homem motivado”, que busca incessantemente provar seu valor moral pelo trabalho, está sendo substituída pela ética do trabalho em equipe. Infelizmente, o trabalho em equipe, veio substituir a vigilância do administrador pela pressão dos colegas, transformando-se em uma excelente estratégia para aumentar a produtividade, pois as aparências e os conflitos são sistematicamente adiados (pois nenhum trabalhador quer perder seu emprego, ou ser rotulado de “briguento”), facilitando assim a sua dominação. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis; a disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência (FOUCAULT, 2010, p. 133-134).

Todo esse jogo de poder sem autoridade, na verdade, gera um novo tipo de caráter. Em lugar do homem motivado, surge o homem irônico. A ironia é exatamente um estado de espírito no qual as pessoas jamais são “[...] exatamente capazes de se levar a sério, porque sempre sabem que os termos em que se descrevem estão sujeitos a mudança, sempre sabem da

contingência e fragilidade de seus vocabulários finais, e, portanto de seus eus” (SENNETT, 2012, p. 138). Uma visão irônica de si mesmo é a consequência mais previsível por se viver no tempo flexível, sem padrões de autoridade e responsabilidade. O trabalho em equipe, com suas ficções e fingimentos de comunidade está longe de ser a ética de trabalho desejável.

É enfrentando o conflito que as pessoas de poder desigual e interesses diferentes podem se unir. Além do conflito, é fundamental para que a confiança se estabeleça entre as pessoas que elas sejam necessárias umas às outras. O comunitarismo defendido por Richard Sennett (2012) resulta de fortes laços entre pessoas que tiveram tempo suficiente para enfrentar suas diferenças: a suposição de que os membros de uma equipe de trabalho partilhem das mesmas motivações não garante uma comunicação efetiva, tornando o trabalho uma forma frágil de comunidade. De forma irônica, no capitalismo flexível, o precisar do outro é um valor depreciado, visto como fracasso; pois este sistema, em sua sede pelos resultados, está gerando uma sociedade impaciente e concentrada apenas no momento imediato, cujos valores decadentes contribuem para corroer, vagarosamente, o caráter humano. Nesses termos, Anthony Giddens (1997a) aponta que:

Nas profundas transformações que estão atualmente ocorrendo na vida pessoal, a confiança ativa está necessariamente atrelada à integridade do outro. Essa integridade não pode ser tacitamente assumida com base no fato de uma pessoa ocupar uma determinada posição social. A confiança deve ser conquistada e ativamente mantida; e isso geralmente pressupõe um processo de mútua narrativa e revelação emocional (GIDDENS, 1997a, p. 222)

Não existe tempo para relacionamentos duradouros (já que fortes laços entre as pessoas significam enfrentar com o tempo suas diferenças), não há espaços para relações desinteressadas, tudo deve ter uma finalidade. Em uma narrativa não partilhada, em uma história de dificuldades não

discutida, não há destino a ser partilhado, e nessas condições o caráter se corrói. Para Bauman (2007a):

Podemos afirmar que a variedade moderna de insegurança é caracterizada distintivamente pelo mal da maleficência e dos malfeitores humanos. Ela é desencadeada pela suspeita em relação a outros seres humanos e suas intenções, e pela recusa em confiar na constância e na confiabilidade do companheirismo humano. E deriva, em última instância, de nossa inabilidade e/ou indisposição para tornar esse companheirismo duradouro e seguro, e portanto confiável (BAUMAN, 2007a, p. 63).

Mergulhado nesse processo rotativo de inclusão e exclusão instantâneas nas suas relações afetivas, a “humanidade líquida” cada vez mais teme afirmar a potência unificadora da solidariedade, da confiabilidade, da amizade e principalmente do amor, sentimentos que, aliás, não podem ser mensurados adequadamente por critérios quantitativos e cálculos estatísticos. Conforme os argumentos de Giddens (2002), “a Modernidade, não se deve esquecer, produz diferença, exclusão e marginalização. Afastando a possibilidade de emancipação, as instituições modernas ao mesmo tempo criam mecanismos de eliminação, e não de realização, do eu” (GIDDENS, 2002, p. 13).

Sennett (2012), por sua vez, argumenta que “nas relações íntimas, o medo de tornar-se dependente de outra pessoa é uma falta de confiança nela; em vez disso, prevalecem nossas defesas” (SENNETT, 2012, p. 167). Isso não desperta certezas, nem pretende levantar posições teóricas, muito menos resgatar um passado idílico da sociedade ocidental, mas, certamente, questiona as transformações antigas e recentes que envolvem a todos os seres humanos em uma rede de poder flexível e incerta. Questiona assim como vamos moldar nosso futuro em uma sociedade na qual os indivíduos não estão mais seguros de serem necessários aos seus semelhantes e na qual o caráter não constitui a linha norteadora da vida e ética do trabalho.

Ao desafiarmos o senso comum e a sedução dos acontecimentos operados pela mídia, devemos tomar uma posição crítica contra a crueldade do capitalismo globalizado e sua doutrina neoliberal, e incentivar o espírito libertário da criatividade humana. Enquanto uma minoria da população tem poder aquisitivo para usufruir do desenvolvimento, a grande maioria esmagadora da população sofre com a globalização e suas consequências. O sistema econômico dominado pela globalização, amparado pelas novas tecnologias de comunicação, é cada vez mais dirigido pelo capitalismo financeiro, que se separa de todos os aspectos sociais e políticos da vida econômica, onde o lucro máximo é almejado a qualquer custo.

Contudo, as crises que surgem da desaceleração econômica decorrente da diminuição do consumo e da perda de divisas pela especulação financeira - é mascarada pelos detentores do poder capitalista, que divulgam a necessidade de progresso econômico contínuo, independentemente das consequências humanas, sociais e ambientais, de forma desmedida a curto, médio e longo prazo. As necessidades não são mais necessidades autênticas ou desejos "naturais", espontaneamente sentidos; são necessidades e desejos produzidos em função das necessidades de rentabilidade do capital.

Nessas condições é necessário um desafiarmos o senso comum, propondo o tema da luta contra o desperdício, o consumismo, a desigualdade social, defendendo a qualidade das relações sociais, das tradições culturais com o objetivo de construir uma sociedade laboriosa que seja também simultaneamente sóbria e existencialmente autônoma, sem nos contentarmos em sermos refém de interesses subtraídos do poder democrático.

Referências

ARENDRT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAUMAN, Z. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007a.

_____. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007b.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **“Risco, confiança, reflexividade”** In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização reflexiva – política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: UNESP, 1997a, p. 219-234.

HARVEY, D. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K. **O Capital**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2012.